

## **Simbologia e esoterismo em “Iniciação”, de Fernando Pessoa**

Gisele Cardoso de Lemos

Fernando Pessoa participou de várias ordens ocultas como a Ordo Templi Orientis (fundada na Alemanha em 1902), estudou astrologia, cabala e alquimia como pode ser observado em inúmeros escritos de seu espólio; trocou correspondências com Aliester Crowley, ex-membro da Aurora Dourada (sociedade secreta fundada em 1888 na Inglaterra) e criador da doutrina Thelema. Sendo assim, introduzirei o assunto através de uma citação do próprio Fernando Pessoa, que merece destaque e uma pequena explicação:

Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível da bruxaria, que é magia também), caminho esse extremamente perigoso, em todos os sentidos; o caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a prepara, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm. (Apud CENTENO e RECKERT, 1978, p. 118)

O primeiro caminho citado por Fernando é o da magia, incluindo tanto o espiritismo quanto a bruxaria. O espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações.

Já a bruxaria é a arte de se harmonizar e interferir na natureza - considerada a manifestação suprema dos antigos deuses - inclui tanto as cerimônias sazonais, quanto os ritos em honra aos deuses. Os bruxos também se dedicam aos oráculos, feitiços, sortilégios, encantamentos e à fabricação de amuletos.

O segundo caminho para citado o oculto é o místico, ou seja, o da contemplação e crença no sobrenatural. E em terceiro, o alquímico que é o mais refinado pois trabalha no plano real para ter efeito no plano etéreo; a transmutação dos elementos químicos é apenas o intermediário para a transmutação e elevação da alma, como se lê em *Iniciação à alquimia* de Alberto Magno:

A principal finalidade do trabalho dos alquimistas era a regeneração, o renascimento da alma humana natural e sua direta aliança com a força vital da Natureza. (MAGNO, 2000, p. 59)

Após este esclarecimento e devido ao caráter plural e multifacetado tanto da Ordo Templi Orientis (O.T.O.) quanto da Thelema, justifica-se a utilização de exemplos e explicações retiradas de diversas culturas e doutrinas para fundamentar a presente análise do poema.

### INICIAÇÃO

Não dormes sob os cyprestes  
Pois não há somno no mundo.  
.....  
O corpo é a sombra das vestes  
Que encobrem teu ser profundo.

Vem a noite, que é a morte,  
E a sombra acabou sem ser,  
Vaes na noite só recorte,  
Egual a ti sem querer.

Mas na Estalagem do Assombro  
Tiram-te os Anjos a capa.  
Segues sem capa no hombro,  
Com o pouco que te tapa.

Então Archanjos da Estrada  
Despem-te e deixam-te nu.  
Não tens vestes, não tens nada;  
Tens só teu corpo, que és tu.

Por fim, na funda caverna,  
Os Deuses despem-te mais.  
Teu corpo cessa, alma externa,  
Mas vês que são teus eguaes.

.....  
A sombra das tuas vestes  
Ficou entre nós na Sorte.  
Não 'stás morto, entre cyprestes.  
.....  
Neophyto, não há morte.

Este poema é, como o título indica, um caminho iniciático. O narrador fala sobre o não dormir de um iniciante sob o cipreste pois no mundo não há sono, o mundo não dorme, ele está eternamente em constante modificação e movimento, e ele como parte integrante desse mundo dinâmico também possui sua essência e não deve dormir pois o sono é uma espécie de morte.

O cipreste é uma árvore símbolo da vida por causa da sua longevidade e sua verdura persistente; representa as virtudes espirituais porque tem muito bom odor e é considerado símbolo de santidade. Por representar a vida, ela foi considerada uma árvore funerária em todo o mediterrâneo pois evoca a imortalidade e a ressurreição (CHEVALIER, 2003, p. 250). Assim, o iniciante não pode dormir (morte simbólica) sob o símbolo da vida.

O corpo é a sombra das vestes que encobrem o teu ser profundo” – As vestes são símbolo exterior da atividade espiritual, a forma visível do homem interior. Muitas ordens secretas têm as vestes como um dos utensílios ritualísticos, como é o caso da maçonaria (Chevalier – 2003, pg. 947). Fernando Pessoa escreveu em um documento que se encontra no seu espólio as palavras “THRONE ROBE SWORD”, ou seja, trono, veste, espada: elementos rituais, simbólicos, de uma iniciação maçônica repleta de cabalismo e alquimia. (PESSOA, 1978, p. 156)

Vem a noite, que é símbolo da morte, aquela que toda noite engole o Sol para o gerar no dia seguinte (Lamy, 1996, p. 21). E a sombra acabou sem ser porque na noite a sombra não existe, ela só existe enquanto se tem luz, à noite ela morre.

Seguido o percurso do iniciante, chega este à Estalagem do Assombro, o lugar onde ocorrerá o primeiro passo da iniciação. Nesse local sagrado os anjos tiram a sua capa e com esse gesto ele doa a si mesmo e, segue com o pouco que tapa seu corpo e sem capa no ombro. Então na estrada, aquela que leva ao lugar sagrado, os arcanjos deixam-no completamente nu, sem vestes, somente com o seu corpo que é ele.

A nudez é símbolo da pureza física, moral, intelectual e espiritual; é uma espécie de retorno ao estado primordial, é a abolição dos limites entre o homem e o mundo que o cerca, em função do qual energias naturais passam de um a outro sem barreiras, daí a nudez ritual dos guerreiros celtas no combate, de certas dançarinas sagradas e da linha jainísta que denomina-se *vestir-se de céu*.(Quintino, 2002, p. 69)

Por fim, ele chega à funda caverna, e são os Deuses que o despem; tiram seu corpo e externalizam sua alma tornando-o igual aos Deuses, são sutis e etéreos. O eu interior ficou entre os Deuses, não está morto entre os ciprestes porque para o neófito não há morte espiritual, a morte somente atinge o corpo, jamais a alma; há iniciação, o reinício de outra etapa da vida, geralmente mais elevada.

E todo esse processo ocorre à noite, mais um símbolo juntamente com o fim na caverna de que a iniciação ou morte simbólica é um retorno ao ventre da terra pois é no escuro que todo mistério é realizado, tudo é gerado e tudo é findado; é no ventre escuro que somos gerados e é no interior escuro da terra que somos enterrados.

Interessante perceber que nesse poema há a presença do número 3 de três diferentes formas. Há 3 ambientes em que ocorre um passo no percurso iniciático: o primeiro é a Estalagem do Assombro, o segundo a Estrada e o terceiro a caverna. Há três potências postas em ordem crescente de poder espiritual: a primeira são os anjos, a segunda são os arcanjos e a terceira os Deuses. E há três estágios da iniciação ou três mortes simbólicas que fazem um caminho partindo

do exterior para o interior do ser humano: primeiro se retiram as vestes (o mais externo possível), depois o pouco que o tapa deixando-o nu, bem próximo da natureza e por último tira-se o corpo e permanece apenas a alma, a parte mais oculta e profunda do ser humano.

O homem aqui é visto como o microcosmo que é um reflexo do macrocosmo, o universo. “O que está em cima está embaixo”. Todos os mistérios do universo estão guardados na alma do ser humano, então, para descobrir os mistérios do cosmo há que se descobrir os mistérios da alma. (BARRETTI, 1994, p. 282)

O poema “Eros e Psyche” de Fernando Pessoa traz uma citação dizendo que o Grau do Neófito compõe a Ordem Templária da qual ele fez parte, porém essa informação não invalida uma análise dos três graus através da perspectiva maçônica visto que a Ordo Templi Orientis possui caráter maçônico e iniciático.

Na maçonaria há três graus de iniciação; o primeiro grau representa o ser humano individual e o lugar que ocupa nos Mundos, é chamado de Aprendiz e possui três instrumentos para sua arte de ofício na loja; o segundo grau é chamado de Companheiro e possui a simbologia da escada, uma escada interior que o indivíduo deve subir quando conseguir retirar sua atenção do mundo físico para examinar a natureza da sua alma e as tarefas para o seu próprio progresso psicológico; possui outras três diferentes ferramentas de trabalho; o terceiro grau é o do Mestre Maçom e indica que o conceito habitual da vida humana é como a morte comparada com a capacidade do

potencial humano. Muito interessante é que o quadro que simboliza o terceiro grau possui o desenho de um caixão encimado por uma caveira. (MACNULTY, 1996, p. 18).

Y. K. Centeno (PESSOA, 1993, p. 374) tem uma teoria de que a iniciação para Fernando Pessoa é a escrita, por essa perspectiva o grau do Neófito seria a aquisição dos elementos culturais com que o poeta terá de lidar ao escrever, o grau de Adepto será o de escrever simples poesia lírica, o grau de Mestre será o de escrever poesia épica, poesia dramática, e a fusão de toda a poesia, lírica, épica e dramática, em algo de superior que as transcenda. Sua proposta é a sacralização da escrita ao designar cada grau correspondendo a um tipo de domínio da escrita.

Como é visto em “Magus”, de Francis Barret (1994, p. 119), o número três é um número sagrado, o número da perfeição pois geralmente os antigos deuses são trifásicos.

Os elementos corpóreos e as espirituais consistem em três partes, isto é, começo, meio e fim. O mundo completa-se pelo três, como disse Trismegistus: harmonia, necessidade e ordem; o ciclo do tempo se fecha em três: passado, presente e futuro. O triângulo é a primeira figura geométrica produzido por linhas retas e este é um dos símbolos do divino, do sagrado. Ele representa as três esferas cósmicas: planos inferiores, plano material e planos superiores e, as três dimensões humanas: corpo, mente e espírito (CHEVALIER, 2003, p. 899).

## Referências Bibliográficas

BARRETT, Francis. Magus: tratado completo de alquimia e filosofia oculta. São Paulo: Mercury, 1994.

CENTENO, Y. D. e STEPHEN Reckert. Fernando Pessoa: tempo – solidão – hermetismo. Lisboa: Moraes, 1978.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LAMY, Lucien. Mistério egípcios: nova luz sobre conhecimentos antigos. coleção Mitos – Deuses – Mistérios. Madrid: Edições Del Prado, 1996.

MACNULTY, W. Kirk. Maçonaria: viagem através do ritual e dos símbolos; coleção Mitos – Deuses – Mistérios. Madrid: Edições Del Prado, 1996.

MAGNO, Alberto. Iniciação à alquimia. Rio de Janeiro: Nova Era, 2000.

PESSOA, Fernando. Mensagem – Poemas esotéricos/Fernando Pessoa; edição crítica, José Augusto Seabra, coordenador. Espanha: Archivos, CSIC, 1993.

QUINTINO, Cláudio Crow. A religião da Grande Deusa. São Paulo: Gaia, 2002.